

Maria Padilha estrela 'Um jardim para Tchekhov', que bebe na fonte do autor russo para tratar de intolerância

6-8 minutos

Autor de 'King Kong Fran', Pedro Brício assina o texto inédito da montagem no CCBB, que faz um mergulho na obra do dramaturgo, personagem na trama que mistura ficção e realidade, drama e comédia e questões do cotidiano



Maria Padilha encabeça o elenco de 'Um jardim para Tchekhov'
— Foto: Leo Martins

Assim como sua personagem, Maria Padilha sonhava montar uma peça de Anton Tchekhov (1860-1904). Em 2019, a atriz havia acabado de ler “O jardim das cerejeiras”, último texto do autor russo, e estava impressionada com sua modernidade. Convidou, então, o dramaturgo Pedro Brício, com quem havia acabado de trabalhar em “Diários do abismo”, adaptação para o teatro do livro “Hospício é Deus”, de Maura Lopes Cançado, para encenarem uma de suas peças. Em vez disso, Brício teve a ideia de escrever um texto inspirado no universo do russo. Assim nasceu **“Um jardim para Tchekhov”**, espetáculo que estreou quarta-feira (25) no Centro Cultural Banco do Brasil, após uma temporada em Belo Horizonte, assistida por mais de 4.500 pessoas.

- **Fique por dentro: siga o Rio Show no Instagram ([@rioshowoglobo](#)), assine a nossa [newsletter](#) e entre na comunidade do [WhatsApp](#) para ficar por dentro do melhor da cidade**
- **Bairro carioca é eleito entre os 10 mais 'cool' do mundo; [saiba qual](#)**

Na trama dirigida por Georgette Fadel, que mistura realidade e ficção, comédia e drama e reflexões sobre o cotidiano, Tchekhov vira personagem. Alma Duran (interpretada por Maria Padilha) é uma diva do teatro carioca que teve seu momento de auge, mas agora está desempregada e longe dos palcos. Despejada de sua casa, ela vai morar com a filha médica, Isadora (Olivia Torres, que está em “Ainda estou aqui”, filme escolhido

para representar o Brasil na corrida pelo Oscar), e o genro, o delegado de polícia Otto (Erom Cordeiro), em uma “mistura de quartel e CTI”, como define Alma.

O jovem casal atravessa uma crise conjugal, e as visões práticas da filha e de seu marido divergem do olhar subjetivo e artístico de Alma. Com auxílio de uma aluna, Lalá (Iohanna Carvalho), ela deseja remontar o clássico “O jardim das cerejeiras”, de Tchekhov, que trata de uma família afortunada em decadência, prestes a perder uma propriedade. A protagonista, Liuba Ranevskaya, que Alma pretende interpretar, está falida.

— Qualquer semelhança comigo é mera coincidência —, brinca a atriz carioca no texto.

As afinidades entre a obra de Brício e as de Tchekhov não param por aí.

— A personagem de Maria Padilha é um espelho da Liuba, uma pessoa que está presa no passado. A peça, assim como o original de Tchekhov, é uma comédia dramática, e tem toda essa relação com o cotidiano — observa o autor, que afirma gostar de brincar com essa mescla de gêneros, artifício presente também no monólogo-fenômeno “King Kong Fran”, em que assina o texto e a direção com a atriz e palhaça Rafaela Azevedo.

Quando Alma enfrenta dificuldades para concretizar seu plano, ela conta com a inesperada ajuda de um homem, interpretado por Leonardo Medeiros, que afirma ser o escritor.

— O personagem vem do mundo dos sonhos para trazer um pouco de água morna para a realidade dura desses personagens, com problemas mezinhas da vidinha

cotidiana— reflete o ator.



“Um jardim para Tchekhov” — Foto: Leo Martins

Universo tchekhoviano

Não é a primeira vez que Maria Padilha mergulha na obra do autor russo. Para a atriz, que em 1999 levou aos palcos sua versão para Masha, personagem de “As três irmãs”, ao lado de Julia Lemmertz e Claudia Abreu, sob direção de Enrique Diaz, esta não é uma peça fácil de se fazer.

— Nisso ela parece com o Tchekhov — diz. — Em “As três irmãs”, sentia que o tempo todo a gente perdia a peça, que o jogo nunca estava ganho — lembra.

Ela conta que, dessa vez, o estopim para a ideia da peça surgiu após a releitura de “O jardim das cerejeiras”, que a impressionou com os temas e o jeito que Tchekhov fala das coisas.

— Estava sentindo assuntos muito pertinentes do autor sobre o novo e o velho, ecologia, tecnologia. Tchekhov não fecha, ele te apresenta as coisas para você ficar pensando— define a atriz.

Entre os temas pincelados no espetáculo por Brício estão etarismo, machismo, trocas geracionais. Há também uma perspectiva da conexão entre culturas, vista, principalmente, na mescla entre Rússia e Brasil, presente no texto e em cenas como a que Alma fala um pouco do idioma e prepara um jantar típico.

Um texto que mergulha no universo tchekhoviano pode soar algo distante para o público. A diretora Georgette Fadel garante, no entanto, que embora alguns temas possam parecer difíceis, a peça tem uma comunicação fácil, que dialoga de maneira direta com a plateia, sem hermetismo.

Para arrematar, no cenário, constituído apenas por uma

mesa, transitam outros objetos cênicos como uma jardineira, na qual será montada um jardim de cerejeiras por Alma, até objetos infláveis e um ventilador, que dialogam com a narrativa.

— O vento é um elemento importante, que marca as mudanças e confere movimento às cenas. Em nome desse elemento ar, que representa o sopro que é a vida, temos uns bonecos infláveis, que representam sócias, fantasmas, alter egos das personagens. — explica Fadel sobre a montagem, que segue para São Paulo, em novembro, e em janeiro para Brasília.

Serviço:

Onde: Centro Cultural Banco do Brasil (Teatro III). Rua Primeiro de Março 66, Centro. **Quando:** Qua a sáb, às 19h. Dom, às 18h. Até 27 de outubro. **Quanto:** R\$ 30. **Classificação:** 14 anos.

[Mais recente Próxima 'Um jardim para Tchekhov', 'A última sessão de Freud', 'Don Quixote': espetáculos em cartaz no Rio](#)